

Tales Faria

Enfraquecida, oposição pouco reage contra decisão de Moraes sobre IOF

Noutros tempos, estaríamos em meio a uma verdadeira rebelião do Congresso. Afinal, o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), decidiu anular o decreto legislativo votado pelo Congresso que derrubou o aumento do IOF editado pelo governo federal.

Uma grande rebelião ocorreu, por exemplo, durante a crise com o ministro do Supremo Flávio Dino quando ele suspendeu o pagamento das emendas parlamentares.

O Congresso obrigou o Executivo a entrar em campo, liberar outras emendas e pressionar Flávio Dino a negociar uma solução.

Agora, no entanto, embora a decisão de Alexandre de Moraes tenha desagradado tanto quanto aquela de Flávio Dino, a reação está sendo bem mais branda. E por quê?

Porque o ano de 2026 co-

meçou mais cedo. Começou na madrugada desta quarta-feira (17) com o início do recesso de meio de ano do Congresso.

Os deputados entraram na madrugada a dentro votando projetos às pencas para encerrar o semestre e começar a tratar do que, a partir de agora, será prioridade: a campanha eleitoral.

Lula apostou – e acertou – que nessa virada de semestre ele começaria a retomar a sua popularidade, que andava em queda. Daí porque vinha anunciando aos amigos que estava disposto a bater de frente com quem lhe fizer oposição.

Em outras palavras, bater de frente com o PL do ex-presidente Jair Bolsonaro e seu clã.

O PL é que, de fato, é oposição ao governo no Congresso. Os demais opositoristas

são fluidos e estão espalhados em pequenos grupos do centrão. Bolsonaro e seu partido vinham se juntando ao centrão como um todo para parecer que eram maiores do que de fato são.

Lula, por sua vez, conta com o fato de ter do seu lado uma parcela significativa do centrão. E conta que, estando bem às vésperas da eleição, aumentará essa parcela do centrão que o apóia no Congresso.

É isso o que fez os parlamentares não protestarem tanto contra a decisão de Moraes sobre o IOF quanto se imaginava. Não agradou, mas o que fazer?

Também contribuiu o fato de que Alexandre de Moraes está certo: é uma atribuição exclusiva da Presidência da República editar decretos regulatórios sobre o mercado financeiro.

Moraes, até aliviou para o lado do Congresso, colocando um freio no governo em sua decisão: não autorizou a cobrança sobre o risco sacado determinada no decreto do IOF.

O termo “risco sacado” se refere a um tipo de operação em que os bancos antecipam valores à vista para varejistas que venderam a prazo.

O ministro argumentou que isso não é uma operação financeira, de crédito, apenas operação comercial. E cortou R\$ 450 milhões da arrecadação esperada pelo governo com o decreto em 2025, além de outros R\$ 3,5 bilhões em 2026.

Por tudo isso, com oposição enfraquecida o Supremo Tribunal Federal ventando a favor e a inflação se mantiver sob controle, o governo tende a ter um segundo semestre mais tranquilo neste ano.

EDITORIAL

Tarifaço ianque põe Embraer em ‘voo cego’

Sinônimo inquestionável de competitividade mundial, a fabricante de aeronaves Embraer, cuja trajetória de sucesso ingressou em um ciclo de turbulência, com destino incerto, tudo por conta do tarifaço de 50% anunciado, há poucos dias, pelo presidente dos EUA, Donald Trump, deverá impor um custo adicional de R\$ 20 bilhões à produção da companhia tupiniquim, ou cerca de R\$ 50 milhões por avião exportado à pátria estadunidense, até 2030.

Ao classificar de ‘quase embargo’ a medida ianque, o presidente da Embraer, Francisco Gomes Neto confessa: “Não teria como remanejar essas vendas”, em referência à complexidade tecnológica que envolve a negociação de um eventual novo mercado, cuja conquista demandaria anos para se concretizar.

Sem esconder o ceticismo, diante da mudança brusca de ‘rumo’, Gomes Neto admitiu que seu negócio foi atingido de maneira ‘particularmente difícil’ pela ameaça do republicano, uma vez que os Estados Unidos são um ‘destino importante dos aviões da Embraer, que ficaria ‘sem alternativa’ para ‘contornar’ o tarifaço, sem que isso

implicasse ‘perdas relevantes de receita’.

Outras sequelas ‘incontornáveis’, prossegue o executivo, seriam cancelamentos ou suspensões de pedidos, além de queda firme de receitas, revisão de plano de produção, redução de investimentos e um provável corte no quadro de funcionários (não só no Brasil, mas igualmente nos EUA), em magnitude similar ao ocorrido durante o período da pandemia da Covid-19 – quando as dispensas atingiram 20% de seu pessoal, reeditando uma situação de ‘perde-perde’.

Entre as ‘vítimas’ de sua linha de produtos, Gomes Neto já adianta: “O jato E1 fica inviabilizado”. No plano geral, porém, ele entende que seria necessário avaliar ‘caso a caso’. Se o tarifaço persistir, ele entende que “não haveria outra alternativa, a não ser desacelerar a produção”.

Otimista, Gomes Neto está ‘esperançoso’ de que o Planalto seja eficiente na costura de um acordo com Washington na questão tarifária, ao fazer referência ao entendimento recente firmado entre os EUA e o Reino Unido, que culminou com a zeragem da alíquota de importação no setor aeroespacial.

Leonardo Boff*

A urgência de um pacto social planetário

Reinam demasiada inconsciência e profundo negacionismo no mundo, tão graves que podem custar nossa vida nesse planeta. O fato é que estamos numa nova fase da Terra e da humanidade: a fase da irrupção da Casa Comum. O Covid-19 deu-nos a lição que ainda não aprendemos: ele não respeitou os limites e as soberanias das nações. Mostrou que há uma única Casa Comum e que pode ser toda ela afetada. Mas não tiramos nenhuma lição desse fato. Bem disse o italiano Antonio Gramsci, o grande teórico da política: a história nos dá lições, mas ela quase não tem alunos. Pouquíssimos frequentaram essa escola e os mais omissos foram e são os poderosos deste mundo, pensando mais em suas economias do que em salvar a vida humana e da natureza.

Vimos de um tempo já bem passado e obsoleto aquele do Tratado de Westfália de 1648 que criou a soberania dos Estados. Depois disso, a Terra e a humanidade mudaram consideravelmente. Os povos dispersos pelos continentes estão voltando do milenar exílio e criando a Casa Comum, na qual todos cabem dentro (com seus mundos culturais particulares). Grande parte das tensões e guerras atuais são feitas dentro deste quadro ultrapassado das soberanias nacionais. Não despertamos para o novo tempo, da unificação do mundo e da espécie humana, junto com a

natureza, até para salvar-nos.

É urgentíssimo fazeremos um pacto social mundial planetário, como fizemos o pacto social de nossas sociedades e aquele da Westfália: um pacto cujo fim é a salvaguarda da vida e da biosfera, ameaçadas pela razão que enlouqueceu, pois, criou os instrumentos de sua própria auto-destruição. É imperativo um centro plural, democrático, representando os povos da Terra para administrar os problemas planetários e da natureza e encontrar, democraticamente, uma solução para nós e para a natureza.

A Terra e humanidade são parte de um vasto universo em evolução e possuem o mesmo destino. A Terra forma com a humanidade uma única entidade complexa e sagrada, o que torna-se claro quando é vista do espaço exterior como foi testemunhado pelos astronautas. Além disso, a Terra é viva e se comporta como um único sistema auto-regulado formado por componentes físicos, químicos, biológicos e humanos que a tornam propícia à produção e reprodução da vida e que por isso é nossa Grande Mãe e nosso Lar Comum.

A ciência nos tem mostrado que a Mãe Terra é composta pelo conjunto de ecossistemas nos quais gerou uma multiplicidade magnífica de formas de vida, todas elas interdependentes e complementares, formando a grande comunidade da vida. Existe um laço de parentesco entre

todos os seres vivos porque todos são portadores do mesmo código genético de base que funda a unidade complexa da vida em suas múltiplas formas. Portanto, reina uma real irmandade entre todos os seres especialmente entre os humanos, coisa belamente descrita pelo Papa Francisco em sua encíclica Fratelli tutti (2025), todos, natureza e seres humanos, como irmãos e irmãs. A humanidade como um todo, é parte da comunidade da vida e o momento de consciência e de inteligência da própria Terra, fazendo com que através do ser humano, homem e mulher, ela contempla o universo e nós sejamos a própria Terra que fala, pensa, sente, ama, cuida e venera.

Importa, entretanto, observar que o contrato social atual ganhou um papel inflacionado e exclusivista. Foi ele que propiciou o antropocentrismo, denunciado pela encíclica Laudato sí do Papa Francisco. Ele instaurou estratégias de apropriação e dominação da natureza e da Mãe Terra criando imensa riqueza para poucos e humilhante pobreza para a maioria. O modo de produção vigente nos últimos séculos, actualmente globalizado, cindiu a humanidade entre o que têm e comem e os que não têm e não comem. Quer dizer, não consegui responder às demandas vitais dos povos dividindo em dois a humanidade. Eis um motivo a mais para fundarmos um con-

trato social planetário que englobe a todos, permitindo-lhe uma vida decente e rica em virtualidades criativas.

A consciência da gravidade da situação crítica da Terra e da humanidade torna imprescindíveis mudanças nas mentes (cuidar da Terra como Gaia) e nos corações (estabelecer um laço afetivo e cordial com todos os seres) e forjar uma coalizão de forças em torno de valores comuns e princípios inspiradores que sirvam de fundamento ético e de estímulo para práticas que busquem um modo sustentável de vida. A Carta da Terra, sob a coordenação de M. Gorbachev e um grupo de cerca de 20 pessoas de vários saberes (tive a honra de participar) fizeram durante anos uma consulta a todos os estratos sociais para levantar tais princípios e valores. Resultou num documento de grande beleza e profundidade que pode ser lido na internet. Assumida pela UNESCO em 2003 se propõe, além de outros fins pedagógicos, criar as bases de um contrato social planetário. Hoje é divulgada e estudada em não poucos países, criando um novo espírito face à Terra e à vida. Chegará o dia em que poderá ser o fundamento do que estamos procurando urgentemente: um contrato social planetário que garanta a todos um bem viver e conviver dentro da Casa Comum.

*Teólogo

Cultura no Rio com Ballet Manguinhos

Neste fim de semana (19 e 20), o Ballet Manguinhos — ONG reconhecida internacionalmente por seu compromisso social por meio da dança e da cultura — se transforma em palco de uma das mais animadas celebrações juninas do Rio de Janeiro. O arraiá “A Roça é Nossa”, realizado em parceria com os quadrilheiros do tradicional grupo de mesmo nome, começa às 16h e promete encher a quadra de Manguinhos com música, dança, bandeirinhas e o melhor da cultura popular brasileira.

Com entrada gratuita, a festa é uma celebração à cultura nordestina, com destaque para a competição de quadrilhas juninas, aberta a grupos de todo o estado do Rio de Janeiro. Os quatro primeiros colocados (1º, 2º, 3º e 4º lugares) receberão prêmios em dinheiro, em uma oportunidade para os grupos mostrarem sua criatividade,

coreografia e carisma diante de um público. A banca avaliadora será composta por sete jurados e, além das notas gerais, serão entregues troféus especiais para os destaques em cena: sinhazinha, noiva, noivo, marcador e destaque individual. A apuração acontecerá ao vivo no dia 22 de julho, às 19h, pelo Instagram oficial do evento (@arraiarocanossa) e também será aberta ao público, na Quadra de Manguinhos.

Além da competição, o arraiá oferece um leque de atrações para toda a família. A programação inclui apresentação especial da Cia Jovem Ballet Manguinhos, que leva ao palco a força da dança como expressão coletiva, além de barraquinhas com comidas típicas, como milho verde, canjica e muito mais. Para completar, o público poderá se divertir com brincadeiras clássicas, como pescaria e correio do amor.

Opinião do leitor

Lucidez

Muito boa, firme, serena, lúcida, esclarecedora e patriótica, carta a nação do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Luiz Roberto Barroso, repudiando declarações duras do presidente Donald Trump contra a soberania e a democracia brasileira.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: EGITO É PALCO DE SEVEROS CONFLITOS CIVIS

As principais notícias do Correio da Manhã em 18 de julho de 1930 foram: Ex-secretário de Estado dos EUA, Elihu Root dirigiu um

apelo à Federação Civil Nacional para formar um contingente de polícia para combater o comunismo no país. No Egito, Alexandria foi palco

de sérios combates entre populares e a polícia, com vários feridos. Congresso alemão aprova 1º artigo da nova lei de finanças.

HÁ 75 ANOS: UDN GOIANO EM FESTA POR EDUARDO GOMES

As principais notícias do Correio da Manhã em 18 de julho de 1950 foram: Eduardo Gomes tem grande festa no comínio estadual da

UDN em Goiás; diretório mineiro prepara grande manifestação pelo candidato. PR de Palma e Virginópolis contrariam direção nacional

e vão apoiar o Brigadeiro. URSS condiciona as propostas de paz à admissão da China Comunista no Conselho de Segurança da ONU

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.